

artigos

**Memória, historicidade e vínculos
territoriais após quarenta anos da
transferência dos Kaiabi para o
Parque do Xingu**
*Memory, historicity and territorial links
forty years after the transference of the
Kaiabi to the Xingu Park*

Frederico César Barbosa de Oliveira*

Resumo: Este artigo apresenta uma análise fundada em bases fenomenológicas a respeito dos relacionamentos ecológicos e afetivos que os Kaiabi do Parque do Xingu estabelecem com a região do rio Teles Pires, no estado de Mato Grosso. Após quatro décadas de separação de seu ambiente ancestral, os Kaiabi (em especial os habitantes das aldeias Ilha Grande e Tuiararé) ainda encontram artifícios de memória, história oral e relações de parentesco para se sentirem próximos – ainda que distantes fisicamente – de seus parentes e do lugar que seus antepassados habitaram e que guarda boa parte dos acontecimentos míticos relevantes na criação de seu povo.

Palavras-chave: Relações ecológicas; Memória; Afirmação territorial.

Abstract: This paper presents an analysis established on phenomenological foundations concerning the ecological and affective relationships that the Kaiabi of the Xingu Park establish with the region of the Teles Pires river, in the state of Mato Grosso. After four decades of separation from their ancestral environment, the Kaiabi (specially the inhabitants of the villages of Ilha Grande and Tuiararé) still find strategies of memory, oral history and kinship relations to feel closer - despite being physically distant - to their relatives and the place that their ancestors inhabited and that preserves a good part of the relevant mythical events regarding the creation of the Kaiabi.

Key words: Ecological relations; Memory; Territorial affirmation.

* Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Pós-Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Toronto. Auxílios institucionais: UnB, CNPq, CAPES e Programa BECA (IEB). E-mail: frederico.deoliveira@utoronto.ca

Apresentação

Presente em muitas narrativas míticas e relatos históricos contados pelos mais velhos, o rio Teles Pires se configura como um marco ecológico, histórico e cultural fundamental na afirmação territorial dos Kaiabi até os dias atuais. Apesar das inúmeras pressões sofridas por diferentes grupos representantes da sociedade nacional, os Kaiabi buscam, mediante artifícios variados, resistir de deixar o Teles Pires para trás, mesmo estando distantes fisicamente. Diante de lutas, mortes e reorganizações territoriais o caminho mais efetivo que vêm encontrando para afirmar sua identidade étnica, estando próximos ao Teles Pires, é acionando expedientes de engajamento prático com esse ambiente ancestral, estratégias de memória e intensos posicionamentos políticos, a fim de não perderem esse contato. Portanto o foco deste trabalho se volta tanto para examinar quanto para chamar a atenção dos processos antigos e contemporâneos utilizados pelos Kaiabi para manifestarem constantemente a vinculação com o Teles Pires.

Etnologia e relações ecológicas

Os Kaiabi se constituem como um dos grupos tupi centrais, falantes de uma das línguas pertencentes à família linguística tupi-guarani. Não estão entre os tupi amazônicos mais trabalhados na etnologia brasileira como os Araweté, os Assurini (Tocantins e Xingu), Cinta-Larga, Kamayurá, Kawahib, Waiãpi e Munduruku. Ainda assim encaixam-se na caracterização mais abrangente desses povos que são conhecidos pela aparente simplicidade na elaboração de sua morfologia social e política, sustentada por um rico e complexo universo cosmológico. Podemos ainda mencionar a predominante tendência às manifestações performativas, em particular o xamanismo e dinâmicas abertas a incorporações, domesticações e elaborações de eventos exteriores contingentes, de acordo com os princípios organizacionais da sociedade (Viveiros de Castro, 1986). As guerras também ocupam um papel fundamental, tanto para a integração tribal, como servindo de artifício para conquista e ocupação do território. No caso dos Kaiabi, a celebração do ritual total intercomunitário *Jowosi* afirma a importância da índole guerreira, justamente com a necessidade de englobar hierarquicamente a alteridade em seu sistema social, utilizando a antropofagia como metáfora chave. O casamento entre primos cruzados, juntamente com as obrigações inerentes à relação entre sogro e genro, constituem-se como práticas centrais de consolidação da unidade social mais importante: a família extensa (Fernandes, 1970; Schaden, 1962).

Será então, tomando como ponto de partida o questionamento da universalidade de certos princípios dualistas, bastante comuns na orientação do

pensamento moderno, que um importante aspecto surge na teoria de Tim Ingold e nos interessa em grande medida para analisar e descrever as relações entre os Kaiabi do Xingu e o ambiente biofísico do rio Teles Pires. Estou fazendo referência à necessidade de propor alternativas viáveis às noções mais correntes e saturadas de relativismo cultural, considerando especialmente a descrição da ‘ecologia da vida’ (Ingold, 2000), que leva em conta a percepção dos organismos na relação de engajamento direto com o ambiente. O relativismo cultural pressupõe a separação entre sujeito e mundo, de modo que o sujeito deve construir o mundo em sua mente por meio de conceitos e categorias proporcionadas pela linguagem. O caminho que propomos a seguir toma exatamente a rota oposta, supondo uma condição primordial de engajamento perceptivo direto.

Usando o termo *dwelling* tomado de empréstimo do ensaio *Building, dwelling, thinking*, escrito em 1971 por Martin Heidegger, Ingold estabelece as bases para uma aproximação fenomenológica capaz de descrever com estimável propriedade os relacionamentos entre organismos e ambientes. A concepção de *dwelling* utilizada pelos dois autores inverte a ontologia clássica de que primeiramente construímos um mundo de significados para em seguida habitarmos esse mundo. Na proposição de Ingold e Heidegger, habitamos antes de construir significados (“we dwell before we build”), ou seja, o conhecimento abstrato é derivado de contextos de engajamento prático. Ingold se aprofunda ainda mais nessa ideia ao desenvolver possibilidades etnográficas de reconhecer que cada ser (humano ou não-humano) percebe o mundo de acordo com sua capacidade de agir, guiados pelas *affordances*¹ que ocorrem na relação com o ambiente. Seguindo a inspiração do psicólogo ecologista James Gibson (1979), Ingold utiliza esse conceito visando à inversão da suposição comum de que nossos sentidos apenas nos proporcionam informações indiretas do ambiente, mediadas invariavelmente por símbolos ou construções culturais. Essa é a razão pela qual o ambiente não existe como uma entidade exterior, mas nas possibilidades de relacionamento com cada organismo e de modo diferente para cada um deles. Seguindo essa linha e fugindo de um empirismo inerte, seria possível explicar os distintos significados que grupos diferentes estabelecem para um mesmo ambiente, sem alocar a cultura em primeiro plano.

A principal categoria acionada pelos povos tupi-guarani para organizar e preservar seu conhecimento territorial é a história oral, que tem suas convenções estipuladas de acordo com regras e exigências de cada cultura. No caso dos Kaiabi, a análise da história oral, combinada com registros de fontes ‘oficiais’, indica que a historicidade indígena é elaborada no interior do conjunto

¹ Na tradução de Otávio Velho (2001) o termo usado é ‘propiciação’, fazendo referência às capacidades do ambiente e à maneira como os indivíduos se utilizam dele.

simbólico tupi, uma vez que destaca a ambivalência do relacionamento com o Outro que é, ao mesmo tempo, necessária e consideravelmente arriscada na afirmação da identidade grupal e individual (Laraia, 1986; Noelli, 1996). Boa parte das informações relativas à orientação espacial e relacionamento com o ambiente biofísico circundante não encontra sentido, desvinculada do poder de sua tradição oral e da eficiência em atualizar alguns valores fundamentais da sociedade Kaiabi, através de histórias vividas por seus antepassados ou personagens míticos.

A história oral é largamente conhecida como uma literatura com suas próprias características (Grele, 1998, p. 41) e, em alguns casos, o testemunho oral pode ser mais preciso que os relatos escritos. Assim, a história oral é específica podendo esclarecer certos acontecimentos e também é expansiva podendo dizer coisas que informam as fontes documentais. Considerando a ênfase na tradição oral utilizada pelos Kaiabi para reproduzir sua história, a estratégia de dar nomes aos lugares de importância tem servido por um longo tempo como uma importante ferramenta capaz de manter a memória em movimento. Ela sustenta os Kaiabi não apenas em suas recordações do passado, mas mantém vivo até o presente o relacionamento próximo e afetivo que mantinham com seus ambientes significativos associados ao tempo mítico. No caso da região do rio Teles Pires, esta é pontilhada de sítios onde as ações míticas se desenrolaram.

São inúmeras as histórias e mitos que constituem o escopo das tradições narrativas dos Kaiabi, fundados em princípios de que antes existia a uniformidade dos seres e agora predomina a diferença e a perspectiva. As atitudes dos Kaiabi estão constantemente voltadas para se aproximarem desse estado original e arquetípico que perderam em tempos remotos. O cosmos é dividido em camadas sobrepostas, habitadas por uma infinidade de seres, não apenas humanos, mas que algum dia viveram misturados aos humanos e hoje vivem de forma muito semelhante. Há muitos tipos diferentes desses seres, como os diversos 'chefes de animais', os temidos *anyang* e *mama'é* que roubam as almas dos homens, os heróis culturais (demiurgos), que ensinaram aos Kaiabi tudo que sabem hoje em dia, e os deuses *Mait*, os grandes pajés, que atualmente vivem no céu. Todos esses seres povoam os mitos e narrativas através dos quais os Kaiabi compreendem e atuam no universo em que vivem buscando afirmarem a cada dia sua humanidade. O mito em que Tuiararé (o mais poderoso *Mait*) cria os Kaiabi e vários outros grupos indígenas apresenta aspectos rituais e de linguagem que estão presentes em todas as narrativas contadas pelos mais velhos (Barbosa de Oliveira, 2010, p. 36). Esses aspectos são certamente decisivos para a compreensão e perpetuação dos valores e ideias acerca de seu modo de vida e de sua territorialidade. Quando moravam as famílias extensas em grandes malocas, o *wyriat* (líder mais velho) costumava quase todas as noites contar, deitado de sua rede, essas histórias para que os mais

jovens pudessem ir se familiarizando com seus heróis fundadores, com os lugares mais importantes, as redes de relacionamentos, bem como com a origem dos costumes e seres que habitam os domínios mais afastados da floresta.

Relações territoriais

No passado, o centro de referência espacial dos Kaiabi era definido pelo *wyri* ou *household*. Essa instituição social estava materialmente representada pela casa ou maloca de duas águas (*o'koo*), de planta baixa retangular, que invariavelmente era edificada por homens e habitada por uma família extensa (Grunberg, 2004, p. 119) Atualmente, são as aldeias compostas por um conjunto de casas que se constituem como o centro do sistema topográfico do qual os Kaiabi organizam suas atividades. Além da aldeia, existem outros círculos concêntricos que dela vão se afastando, passando pela roça, até alcançar a floresta mais distante. Na prática, apesar da aparente homogeneidade, a floresta é também considerada como dividida em espaços concêntricos e repleta de espaços de sociabilidade. À medida que ganham distância do centro, formado pela aldeia, os espaços externos se tornam menos socializados e menos hospitaleiros, podendo apresentar mais perigos. As áreas de coleta intensiva situadas bem próximas à aldeia compõem o primeiro círculo concêntrico da floresta. As roças podem se situar dentro das áreas de coleta ou em pontos mais afastados, podendo levar algumas horas de caminhada para serem alcançadas. Há outras grandes extensões dedicadas à caça e pesca diárias, que coincidem com outras unidades familiares vizinhas. Mais distantes e menos familiares, existem áreas de expedição de caça, cujos limites os homens podem levar vários dias para alcançar.

Na exploração de áreas mais afastadas das aldeias, os rios adquirem importância fundamental nessa orientação e definição do espaço tido como espaço de sociabilidade e espaço de perigo para os Kaiabi. As direções acima e abaixo nada têm a ver com os pontos cardeais norte e sul, mas seguem o fluxo do rio, sendo as cabeceiras situadas acima, e as embocaduras, abaixo. Os principais rios, igarapés, corredeiras, cachoeiras, lagos, montanhas possuem algum tipo de designação na língua Kaiabi. Sempre há também um nome genérico e um nome específico normalmente denominado por alguma característica própria do lugar e derivado do sufixo 'y', que quer dizer água ou curso d'água. A abundância de um animal ou vegetação nas suas margens, algum tipo de configuração visual peculiar, ou ainda alguma batalha que ali tenha ocorrido são boas razões para escolher nomes para os cursos d'água e locais que margeiam os rios. Assim, o conhecimento dessa toponímia vai direto ao encontro do conhecimento prático do território por aqueles que caminham. As áreas geográficas familiares ou potencialmente familiares se constituem

como um lugar destinado a ser habitado pelos “humanos”. Partindo do *wyri*, que é tido como o lugar de maior segurança, até as áreas de perambulação, que apresentam maior perigo, os nomes são estabelecidos e prontamente inseridos numa rede de relações e narrativas que devem retornar à aldeia, proporcionando um movimento contínuo da sociedade entre o Outro e o Mesmo (Oakdale, 2005, p. 159).

Portanto, a partir de um profundo comprometimento ao longo dos anos com o ambiente familiar do rio Teles Pires e a partir das histórias contadas sobre essa região, é que os Kaiabi desenvolveram e importaram certas categorias para dar sentido ao novo território do Parque do Xingu. Nesse sentido, acredito que é no contexto da vida social, nos movimentos situados dos seres humanos entre si e com seus ambientes que emoções ecológicas são geradas e formas sociais são criadas, inclusive aquelas que costumamos chamar de sociedades. Antes de entrar propriamente com as interpretações etnográficas, é importante tornar o leitor familiar com certos aspectos da história de contato dos Kaiabi e da transferência do Teles Pires para o Xingu.

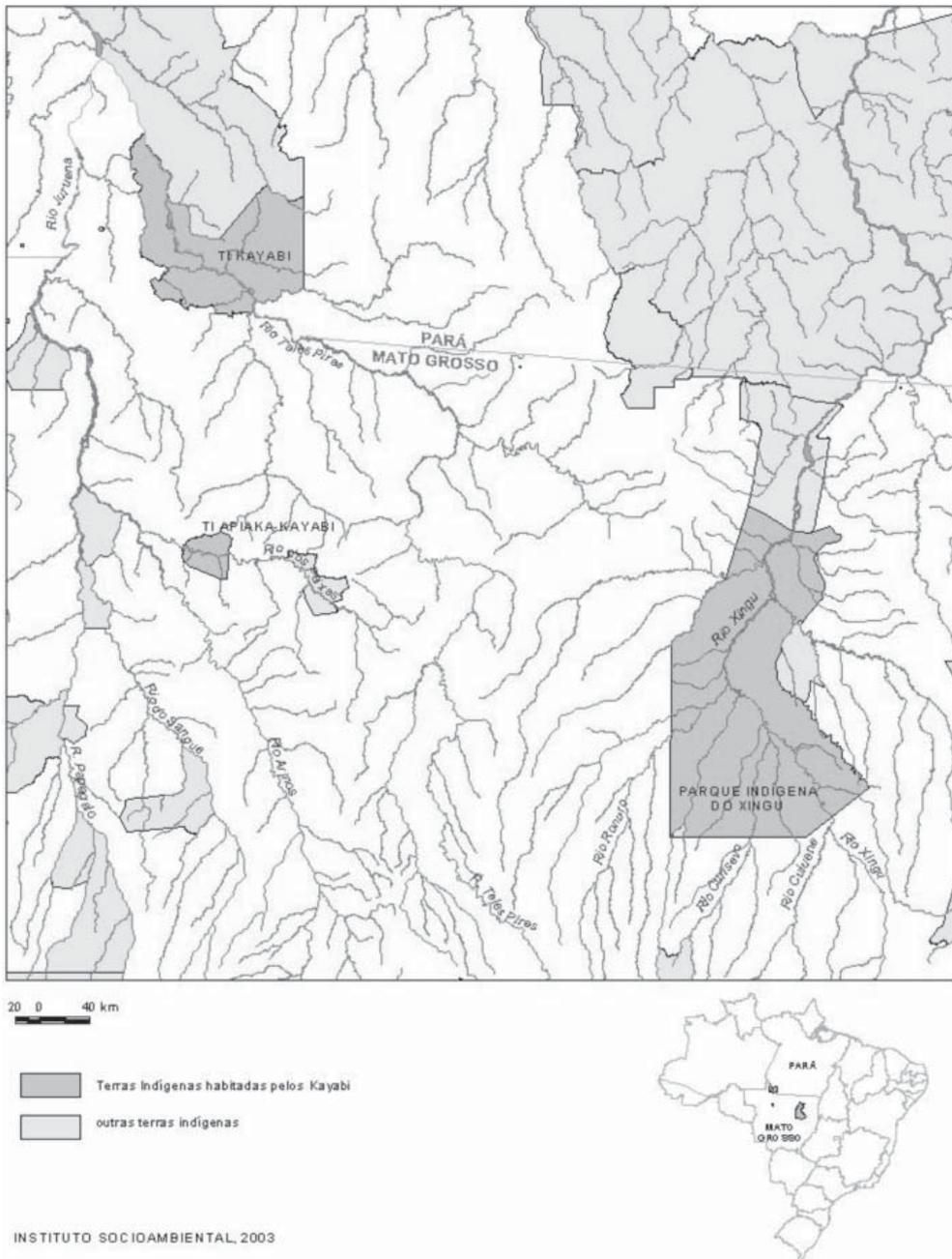
As primeiras frentes de expansão afetando a territorialidade Kaiabi

Em termos gerais, as sociedades do tronco tupi são caracterizadas como povos agricultores, que tendem a ocupar áreas cobertas por florestas, fundando aldeias grandes e de caráter permanente, avançando pelo território em ritmo lento, buscando regularmente manter algum tipo de relação com suas ocupações anteriores, principalmente em razão de seus parentes que ali são enterrados. Alfred Métraux (1950) sugeriu que a área original de dispersão dos tupi-guarani estaria compreendida entre a margem direita do Amazonas, o Paraguai, o Tocantins e o Madeira. Devido às difíceis vias de acesso às terras anteriormente ocupadas pelos Kaiabi e o pouco interesse que manifestavam no contato regular com os representantes da sociedade nacional, eram, dentro de seu território, quase completamente desconhecidos da etnologia brasileira. Contudo se sabe que o rio Teles Pires está indissociavelmente ligado à criação mítica e à afirmação territorial dos Kaiabi. Não se tem notícia de outros índios que houvessem disputado esse rio com eles (Villas Bôas, 1989).

A presença dos Kaiabi sempre foi registrada no alto, médio e baixo cursos do rio Teles Pires e, ainda no rio dos Peixes, afluente do Arinos. A instalação dos postos Pedro Dantas e José Bezerra, pelo SPI, na década de 1920, no Médio Teles Pires, inseriu os Kaiabi nos contatos mais frequentes com a sociedade brasileira, na política nacional indigenista de viés positivista e conseqüentemente no mercado de extração da borracha direcionada às demandas internacionais. Tanto nos postos como nas malocas ao longo do

rio Teles Pires, a influência mais marcante sobre o modo de vida dos Kaiabi, vinha do contato intensivo com os seringueiros e seu sistema de exploração e convivência (aviamento). Pressionados pelas frentes econômicas dedicadas à expansão nacional, especialmente a economia da borracha e a implantação de projetos de colonização do Brasil Central, parte do grupo deslocou-se em direção ao extremo norte do estado, na divisa com o Pará, empreendendo, no início do século XX, a ocupação daquela que iria se constituir como Terra Indígena Kayabi, localizada nos Municípios de Jacareacanga (PA) e Apiacás (MT), no baixo curso do rio Teles Pires. Outro grupo resolveu ficar próximo ao posto José Bezerra, no Médio Teles Pires, iniciando, somente a partir de 1940, contatos mais estáveis de modo a favorecer as instalações do posto.

Com o avanço das ideologias e empreendimentos governamentais de desenvolvimento econômico, na década de 1940, os Kaiabi que ficaram no Médio Teles Pires viram seu território ancestral e os principais lugares sagrados serem loteados e vendidos para empresas colonizadoras, que estimulavam a ocupação e as atividades agropecuárias na Amazônia meridional. Alguns índios começaram a trabalhar informalmente para os seringueiros que facilmente abusavam de sua falta de conhecimento do sistema de produção e do trato com o dinheiro. Uma situação que no princípio se mostrava relativamente amistosa foi com o tempo se tornando conflitiva, com os Kaiabi começando a se sentir como estranhos e invasores em sua própria terra (Meliá, 1993, p. 498). O encontro com a Fundação Brasil Central e a transferência ao Parque do Xingu, intermediada pelos irmãos Vilas-Bôas, no início da década de 1950, representaram tanto uma saída providencial para aqueles que vinham sofrendo com assassinatos e mortes por doenças provenientes das relações com os brancos, como também uma separação radical, eivada de sofrimento, para os que tinham o Teles Pires como sua terra sagrada. Desse modo, todos os Kaiabi que habitavam o Médio Teles Pires e algumas famílias do Baixo Teles Pires e do rio dos Peixes foram transferidos para o Xingu.



Mapa 2: Terras atualmente habitadas pelos Kaiabi.

Seguindo nossa matriz interpretativa, iremos acrescentar aos conceitos de *dwelling* e 'ecologia da vida' – propostos por Ingold – a noção de 'emoções ecológicas' de Kay Milton (2002) para analisarmos o caso dos Kaiabi. Admitindo, segundo Milton, que as emoções se tratam de um fenômeno proveniente de relações ecológicas que as pessoas constituem com seus ambientes, estamos de acordo com o fato de que o aprendizado não acontece sem emoção e que a memória coletiva se funda principalmente em acontecimentos afetivos. É por esta via, portanto, que proponho uma saída para as chamadas oposições modernas entre pessoas e mundo, a fim de encontrarmos um caminho produtivo para analisar como se constitui a ligação afetiva e o comprometimento que os Kaiabi estabelecem junto com o ambiente circundante do rio Teles Pires. O habitante (*dweller*), no sentido que mais nos interessa, é aquele ser que participa em seu mundo a partir de um processo de contínua transformação deixando seu rastro de vida por onde passa e seguindo os rastros deixados por seus antecessores. Essas linhas são tipicamente curvas e irregulares – diferentemente das linhas retas, que apenas ligam dois pontos – e invariavelmente conectadas com o a ligação afetiva que as pessoas estabelecem com um dado ambiente.

Emoções narradas no Xingu

Foi acreditando na afirmação de Milton (2002) de que a memória coletiva se constitui a partir de acontecimentos afetivos, fundados em relações ecológicas, que me dirigi ao Xingu, na confiança de que, mesmo após quarenta anos da transferência, os Kaiabi ainda seriam capazes de expressar suas emoções como se tal evento tivesse ocorrido há poucos dias. Assim, pretendia conhecer a força de sua tradição oral, ouvindo, sem intermediários, as histórias e buscando me aproximar do sentimento de ligação que ainda alimentam com o Teles Pires.

A partir das histórias de sobrevivência narradas pelo cacique Atú, enquanto desenvolvia parte da pesquisa de campo na aldeia Kururuzinho (Baixo Teles Pires), relativas à heróica resistência simbolizada pelo desejo de ficar de seu pai Manekú, passei a ter a convicção de que o rio Teles Pires significa para os Kaiabi muito mais do que um local em que ocasionalmente passaram a ocupar ao longo de suas andanças pela Amazônia meridional. A resistência do pai de Atú está fundada em razões que extrapolam a mera necessidade de se estabelecer num ambiente para ali desenvolver um modo de subsistência. Longe de naturalizar a relação dos Kaiabi com o Teles Pires, o propósito deste trabalho é evidenciar que habitar próximos a esse rio e das condições que o ambiente circundante proporciona, não apenas confere sentido à vida dessas pessoas, mas serviu por muito tempo como um importante marco diacrítico para identificação étnica do grupo.

Dificuldades na transferência

O motivo principal da minha visita ao Parque Indígena do Xingu, em julho de 2008, foi conhecer com mais propriedade, a partir da perspectiva dos Kaiabi mais velhos, as narrativas, sofrimentos e dificuldades enfrentados quando da transferência do Teles Pires, que se iniciou em 1955 e teve fim em 1970. Nesse sentido, dois elementos emocionais fundamentais se destacaram diante dos demais, como marcos iniciais na compreensão das dificuldades, dos sentimentos relativos à transferência e da ligação com o Teles Pires: 1) as relações ecológicas/cotidianas que por muito tempo vinham mantendo com o Teles Pires e 2) a proximidade ou distanciamento dos parentes. Relacionando as falas dos mais velhos com as descrições ambientais, a impressão inicial é que, nos primeiros momentos, a sensação de desorientação foi geral, chegando a se acomodar com o tempo, mas, em nenhum momento, os Kaiabi mais antigos chegam a afirmar que estão completamente à vontade no Xingu. Como estavam sendo deslocados para um ambiente consideravelmente diferente, que apresenta outra dinâmica hidrológica, distintos sinais da natureza relativos à passagem do tempo e às atividades agrícolas, muitos tentaram retornar, porém sem sucesso. Quando indagados se ainda manifestam o desejo de retornar algum dia, muitos admitem sentir saudades, mas aguardam a demarcação da Terra Indígena em sua totalidade para tomar sua decisão². Contudo, é geral o sentimento de que a verdadeira terra dos Kaiabi é o Teles Pires, e juntamente o rio dos Peixes. Associado a esse aspecto das relações com a antiga terra, a forte vinculação que os Kaiabi estabelecem com seus parentes que ficaram para trás, vivos ou enterrados no Teles Pires, se apresenta como outro fator importante na desagregação e falta de significados que alguns ainda enfrentam no Xingu. Será, portanto, relacionando esses dois aspectos que pretendo seguir adiante interpretando as falas mais ilustrativas dos velhos Kaiabi, para alcançar uma síntese que considero mais elaborada de como vem sendo trabalhada e mantida viva a memória do antigo ambiente onde costumavam habitar. Gostaria de iniciar com a forma pela qual o velho Tamanaú, da aldeia Ilha Grande, define sua chegada no Xingu e o processo de adaptação, com a tradução de seu filho Siranho:

(Pergunto como foi a sua chegada ao Xingu) Da primeira vez que eu cheguei, eu arrumei muita confusão com o Cláudio, aí eu fiquei sem saber se ia ficar no Xingu, mas com o tempo eu fui ficando mais calmo,

² Atualmente, após a homologação da TI Raposa Serra do Sol, a TI Kayabi no Teles Pires é a área indígena de maior extensão aguardando demarcação física e homologação pelo Governo Federal (1.053.000 hectares). Apesar de já possuírem uma Portaria Declaratória 1.149 desde 2002 lhes conferindo direitos sobre essa terra, os Kaiabi, além das etnias Apiaká e Munduruku, ainda enfrentam uma série de conflitos socioambientais, que vêm atrasando e conturbando cada vez mais o processo de confirmação da demarcação.

até porque toda a família que tinha tio, primo, vieram tudo pro Xingu também, ficou só meu irmão pra trás. Aí eu pensava, se eu voltar lá pro Teles Pires, eu fico sem parente lá, aí até um tempo eu fui acabei esquecendo essas ideias de voltar. Mas só que hoje, com o falecimento de todos os meus parentes que vieram pro Xingu, eu estou só! Então como hoje só tá meu irmão vivendo lá no Pará, onde a gente viveu, que lá é território do Kaiabi, então hoje eu penso que eu gostaria de morar com meu irmão. Já que eu perdi todos esses parentes que eu tinha, o que eu tô fazendo aqui no Xingu?

(Pergunto sobre a importância do Teles Pires para os Kaiabi) Você deve ter prestado atenção. Aqui você não viu nenhuma árvore muito alta e também não viu nenhuma serra. Nós damos o nome pra cada tipo de mato. Nós conhece assim e já vem de muito tempo esses nomes. Não é de hoje, não sou eu que estou dando nome.(...) Lá no Pará não existe muita lagoa igual tem aqui e também tem muita sujeira na beira. Lá é o rio e a mata verdadeira chega na beira do rio. A gente dá valor pra aquela região por causa do material que aqui não tem pra gente fazer as coisas. Mesmo pra enfeite e mesmo pra fazer as coisas de uso, lá que tem as coisas que a gente precisa como peneira, fruta nativa que existe lá, aqui não tem, como castanha, siriva, como açaí, como cacau, patauá, pupunha. Por aqui, por dentro mato você anda e não encontra nada. Aqui por exemplo não tem mel nativo. É por causa dessas coisas que a gente valoriza essa terra, lá a terra é muito boa de plantar. Lá você anda e só encontra o “ka’areté”³ e a terra preta. Por aqui você encontra mais é daquela terra vermelha e aquele mato sujo que não serve pra fazer nada.

No discurso de Tamanaú, é possível perceber de forma conjunta a importância da ligação com a família e com os materiais que os Kaiabi utilizam costumeiramente, tanto para artesanato, como para atender suas necessidades diárias. Além disso, a busca por frutas ou materiais sempre se configurou como um importante artifício a impulsionar os Kaiabi a se movimentarem e estabelecerem laços com o ambiente circundante⁴. A madeira da siriva (pupunha brava), por sua resistência e elasticidade, é a mais apropriada na confecção de arcos, não sendo encontrada no Xingu. A fibra do arumã, utilizada para fazer peneiras, assim como as tinturas para pintá-las, somente são encontrada nas margens de igarapés ou em áreas alagadas no Teles Pires. Merece um relevante destaque a ausência da castanheira no Parque do Xingu.

³ Na tradução literal significa mato verdadeiro.

⁴ Desde muito tempo os Kaiabi tinham por costume caminhar para lugares bastante distantes das aldeias. Seguindo os propósitos de incorporação da alteridade, os guerreiros viajavam longas distâncias para trazer cabeças de inimigos para celebração do Jowosi. Além disso, as famílias caminhavam para trocar sementes com parentes, para organizarem casamentos, para troca de materiais, em especial os machados de pedra, que faziam parte de uma ampla rede de trocas da parte central do Brasil.

Sempre que eu perguntava qual o tipo de recurso os Kaiabi sentiam mais falta no Xingu, a castanha (*ywa'eté*)⁵ invariavelmente era o primeiro item a ser mencionado. Assim, quando foram transportados a um ambiente sem as frutas nativas, sem a castanha, com limitadas porções de terra preta e diferentes interações com a natureza, os Kaiabi pareciam ter perdido completamente a noção de espaço e tempo, daí o sentimento de desorientação descrito por muitos. Nesse sentido, a família servia como ponto de apoio fundamental, para se situarem conjuntamente e buscarem elaborar novas relações com o um novo ambiente.

Ainda sobre a família, vejamos as impressões de Kaipá (com a tradução de Siranho), que atualmente vive na aldeia Três Buritis, e veio transferido após a morte dos parentes, e constituiu outra família no Xingu:

Quando eu cheguei no Xingu, eu estava muito triste porque tinha perdido toda a minha família por causa do sarampo. Depois eu comecei e acostumar e sentir bem aqui, porque aqui tinha remédio, aí eu não conseguia me lembrar mais do lugar onde eu morava porque eu tinha perdido todo mundo. Não ficou ninguém, morreu primo, morreu irmão, morreu tudo mesmo! Por isso que eu nunca pensei em retornar pro Teles Pires. Se eu retornar pra lá, eu não vou encontrar ninguém dos meus parentes, então eu vou ficar por aqui mesmo no Xingu, hoje eu tenho um filho aqui e vou ficar por aqui.

Uma metáfora regularmente acionada pelos Kaiabi para explicar as relações de parentesco, associando as proximidades ou distanciamentos entre as famílias é a raiz da batata doce (*jetyk*). Ela serve muito bem para marcar as relações de consubstanciação e afinidade. É como se os Kaiabi estivessem também plantados na terra, juntamente com suas famílias. Nesse sentido, cada família extensa, constituída desde o patriarca mais velho até os primos de primeiro grau, se configura como um nodo da raiz, sendo que todos os nodos derivam de uma origem comum, mas, à medida que se distanciam, são reconhecidos como parentes com menor proximidade. Em alguma medida, os Kaiabi reconhecem que todos são parentes, contudo o sentimento de proximidade está diretamente vinculado ao pertencimento a um mesmo nodo. É a essa metáfora que está se referindo Kaipá, quando afirma que perdeu todos os parentes no Teles Pires e chegou muito triste ao Xingu. A fala de Kaipá é muito bem adequada à afirmação feita por Milton e Svacek (2005, p. 34) de que aquilo que aprendemos com nosso ambiente gera certas emoções e influenciam a forma como nos aproximamos do ambiente, que influencia o que aprendemos com ele, continuamente de forma cíclica. Em função dos tipos de memórias e das emoções a elas associadas, a conexão entre o parentesco e a terra pode se configurar tanto pelo aspecto da afirmação territorial, como pela

⁵ Que na tradução literal significa fruta verdadeira.

rejeição no caso específico de Kaipá. Assim, quando conseguiu novamente se estabelecer num nodo familiar, passou a encontrar algum sentido em viver no Xingu. Por outro lado, o seu desejo de não mais retornar ao Teles Pires, em função das más recordações, mortes e sofrimentos que vivenciou nesse ambiente, parece evidenciar uma disposição emocional distanciadora⁶.

Se para alguns as recordações do Teles Pires não são boas, para outros a ligação emocional que mantinham durante sua vida cotidiana é fundamental para conferir sentido ao mundo. Não é segredo que os Kaiabi vêm conseguindo com sucesso considerável se perpetuar e já podem ser considerados a etnia mais populosa do Parque do Xingu, com uma reconhecida história de adaptação ao ambiente. No entanto, apesar de terem se “acostumado”, os Kaiabi asseveram que não é o mesmo sentimento que tinham quando viviam no Teles Pires. Como diz Miarakaiá (aldeia Tuiararé), os Kaiabi estão “aprendendo a viver”. Nesse sentido, certos elementos perceptivos da paisagem ainda aparecem com relativo destaque sempre lembrando aos Kaiabi que sua verdadeira terra não é ali, como é o caso das diferenças de configuração entre o cerrado do Xingu e as florestas altas e fechadas do Teles Pires. Além das relações com os chamados materiais da floresta, como as frutas nativas, a terra preta e o parentesco, a ligação com certos elementos da paisagem característica do Teles Pires também foi e ainda é um importante complemento a ser sentido pelos Kaiabi que vivem no Parque. Também destaco um breve comentário de Miauí, filho do finado Kupekani, que veio para o Xingu ainda adolescente e ressalta alguns aspectos perceptivos interessantes da falta que sentia do Teles Pires, evidenciando que a paisagem, diferentemente do espaço, é qualitativa e heterogênea:

Quando eu cheguei aqui, o Xingu era muito estranho pra mim. O que eu mais estranhei é que aqui não tinha cachoeira. Aí eu andava assim, meio perdido procurando cachoeira, mas só achava praia e mais praia. Aqui também tem muito lago. Lá não, lá tem muita cachoeira, tem a zoadá da cachoeira que você ouve, tem vários bichos fazendo barulho no mato e aqui quase não tem.

Por essa razão, não devemos confundir a concepção mais evolutiva de “adaptação” e ocupação com aquela que mais nos interessa aqui de “habitação” e relacionamentos emocionais com um dado ambiente. Em virtude do sofrimento expresso pelos mais velhos habitantes do Xingu, durante e após a transferência, fica evidente que não serve qualquer porção de terra para os Kaiabi e, além do mais, não serve o ambiente do Teles Pires se este

⁶ Sobre as relações que os Kaiabi estabelecem com a morte, pude perceber que nem todas seguem um mesmo padrão. Se por um lado, alguns preferem viver próximos de seus parentes enterrados, outros preferem se mudar e guardar uma certa distância, principalmente se a morte acontece de forma prematura ou em razão de feitiçaria.

estiver desprovido de suas características fundamentais para os Kaiabi estabelecerem suas relações de *dwelling*. E não basta simplesmente pensar que os índios manifestam, como de fato acontece, uma considerável capacidade de resistência às mudanças ambientais, quando o que está em jogo são aspectos de ordem emocional, entrelaçados com a cultura e subsistência, que vão além da mera questão adaptativa.

Críticas à política indigenista

Pois bem, se até aqui foram apresentadas algumas falas de pessoas relacionando as dificuldades enfrentadas após a transferência, bem como as diferenças mais sentidas entre os ambientes do Teles Pires e do Xingu, relacionando os aspectos ecológicos com o parentesco, parece-me importante também destacar conclusões de uma importante liderança indígena a respeito de todo esse processo. Vejamos a fala de Makupá, duas vezes presidente da ATIX (Associação Terra Indígena Xingu), que sempre admitiu uma ligação especial entre os Kaiabi e o Teles Pires, realizando uma síntese bem elaborada da atuação dos Villas-Bôas junto aos Kaiabi, da criação do Parque e da política indigenista atual:

Avaliando a história e o trabalho do Orlando por um lado, ele salvou mesmo os Kaiabi. Com a chegada do seringueiro e gateiro, esses brancos chegaram junto com a doença e não tinha como proteger os índios da doença, por isso eu acho que ele fez um trabalho importante, mas ele não fez um trabalho completo. Se ele tivesse feito um trabalho completo talvez seria mais bonito, né? Quando eu falo que o trabalho dele não foi completo é assim. Se o Orlando tivesse feito pesquisa sobre recursos naturais daqui, talvez ele teria colocado certas áreas dentro do Parque que tem castanha, por exemplo. Se ele tivesse feito esse levantamento, talvez ele pegasse a cabeceira do Peixoto pra colocar dentro do Parque, por causa da flecha e da siriva também, né? Pra fazer melhor ainda, se o Orlando tivesse pensado de não tirar os Kaiabi de lá, de demarcar a área lá mesmo, talvez era mais completo ainda e a gente ia se sentir à vontade hoje. [...] Então a gente pensa que eles fizeram um bom trabalho, mas não foi o trabalho completo. Igual eu falo pro pessoal da FUNAI hoje, pra FUNAI demarcar uma Terra Indígena hoje, a FUNAI deveria estudar a cosmologia daquela área primeiro, mas vai lá e demarca de qualquer jeito e aí quem descobre é a gente. Aí fica muita coisa de fora, e pra você ter que ficar pedindo autorização pros fazendeiros toda hora é muito ruim. Então é assim que a gente fica avaliando, porque tudo bem, tudo bem que o Cláudio trouxe a gente pra cá, mas a gente vem sendo ameaçado pelos outros povos do Xingu, vem sendo criticado, porque muitas vezes quem trabalha mais na fiscalização, quem fiscaliza os invasores são os Kaiabi, Juruna e Suyá, e muitas vezes a gente recebe crítica do pessoal daqui.

Um ponto chave que gostaria de destacar no discurso de Makupá é quando diz que, se tivesse havido a demarcação de uma terra para os Kaiabi, no Teles Pires, à época da transferência, hoje eles se sentiriam à vontade. Esse me parece um aspecto que resume muito bem a sensação de muitos Kaiabi vivendo hoje em dia no Xingu, para quem, apesar de terem sido protegidos dos contatos nocivos e doenças dos brancos, além de terem recebido um tratamento médico de boa qualidade ao longo dos anos, é como se ainda faltasse algo para se sentirem à vontade. Esse algo a mais, que não é notado por observadores menos atentos, se encontra estritamente fundado nas relações ecológicas emocionais constituídas na prática e no dia a dia vivido com o Teles Pires. É precisamente esse tipo de reconhecimento da ligação entre ambiente e pessoas que vem sendo cobrado por Makupá aos órgãos oficiais, que seja considerado nos processos de identificação e demarcação. Trata-se de uma crítica com fortes elementos da ligação territorial que os índios estabelecem com seu ambiente a ser inserida nos procedimentos atuais da política indigenista desenvolvida pelo órgão oficial, que ainda trata a multiplicidade étnica do Brasil a partir do viés do “índio genérico”, despojado de suas especificidades culturais.

Expedições

Outro aspecto marcante, para acessar a memória territorial dos mais velhos no Xingu, diz respeito aos antigos locais de habitação dos Kaiabi no médio curso do rio Teles Pires. Apesar de todos os Kaiabi dessa porção do Teles Pires terem sido transferidos ao Xingu, esse foi um ponto que constantemente se sobressaía nas conversas, quando eu perguntava sobre as antigas aldeias. Na realidade, pude compreender que, até hoje, os mais velhos fazem questão de não permitir que essas informações se percam e buscam sempre, em ocasiões oportunas, contar essas histórias aos mais novos, das idas e vindas dos Kaiabi pelo Médio Teles Pires, desde quando podiam caminhar sem restrições, até os momentos mais difíceis no convívio com seringueiros, o que culminou na transferência para o Parque. Foi exatamente ouvindo essas histórias e se relacionando à distância com o ambiente imaginado do Teles Pires, que alguns Kaiabi de meia idade resolveram tomar a interessante iniciativa de empreender expedições aos locais ancestrais, em busca de vestígios de aldeias, capoeiras, lugares sagrados, materiais/recursos, pontos de caça/pesca e dos antigos postos do SPI.

O principal líder das expedições ao antigo território vem sendo Mairawê, filho de um dos companheiros que vieram com o ilustre Prepori⁷ logo no

⁷ Prepori foi o principal responsável pelo convencimento de seus parentes do Médio Teles Pires a se mudarem para o Xingu. Por dominar bem o português, já tendo trabalhado em postos do SPI, Prepori se aproximou dos Villas-Bôas, contou sobre a situação vivenciada por seu povo e mediou boa parte do processo de transferência. Hoje seus parentes vivem principalmente na aldeia Kuarujá.

primeiro grupo que se estabeleceu no rio Arraias, para preparar o terreno e organizar as roças para os demais Kaiabi que estavam por chegar. Mairawê praticamente não tem memória do ambiente do Teles Pires, haja vista que deveria ter por volta de seis ou sete anos quando veio para o Xingu. Contudo, ouvindo as histórias contadas pelos mais velhos, reconhecendo a carência de materiais que o Xingu apresenta diante das demandas dos Kaiabi, é que aos poucos ele foi se interessando em conhecer os locais narrados e saber em que situação de conservação se encontram atualmente. Com sua iniciativa, resolveu coletar as informações sobre os pontos de maior importância, em seguida organizou os mais velhos que tinham condições de viajar e procurou estabelecer uma parceria com o ISA (Instituto Socioambiental), a fim de viabilizar a logística necessária para um primeiro reconhecimento dos locais de antiga morada dos Kaiabi. Dessa forma, ele explica esses locais antigos e as expedições:

Isso é uma história muito longa, mas sobre as aldeias antigas nós ainda estamos pesquisando. Quando foi no ano de 1995, a gente fez uma expedição lá na região de Sinop. Ali tem uma cachoeira grande, fica pra baixo um pouco daquela estrada que vai lá pra Juara. Em 1995, nós descemos ali e fomos descendo o Teles Pires, o nome dessa cachoeira na língua é “makupa’iam”. Ali você subindo mais umas duas horas de barco rio acima, você chega na aldeia final, onde era aldeia dos Kaiabi, aí você vai descendo e aí começa as aldeias. Tem também uma cidadezinha que chama Nova Canaã, tem uma estradinha que corta o rio Teles Pires, que vai pra Novo Horizonte, então todo esse território era ocupado por Kaiabi, mas falta a gente pegar essa informação, pra saber onde que teve aldeia, a população, mas isso é uma coisa que está sendo levantada.

De fato, pelo depoimento de várias pessoas, existia uma verdadeira rede de topônimos interconectados que serviam tanto para os Kaiabi saberem que estavam em seu território, como para orientá-los nas longas caminhadas que estavam acostumados a realizar. Contudo o tipo de orientação proporcionado por esses mapas é bem distinto do moldes providos pelos mapas cartográficos convencionais. Nesse sentido, os mapas mentais produzidos ao longo das caminhadas estão necessariamente implicados em sua forma de vida, não podendo ser compreendidos e executados fora dessa relação de *affordances*, que o ambiente oferece ao seu habitante. Trata-se da distinção que Ingold

apresenta entre *wayfinding* e *navigation*⁸.

A sensação do ambiente percebido como um todo só é alcançada ao longo de linhas e caminhos que constituem um ambiente significativo, através das constantes idas e vindas das pessoas nas condutas práticas de suas vidas. Assim, à medida que as caminhadas eram realizadas, lugares nomeados e histórias contadas, era possível se ter uma ideia precisa de qual era o território sob influência dos Kaiabi, num dado momento. Por certo, a referência atual dos Kaiabi, para fazer menção às últimas aldeias no Teles Pires, é a cidade de Sinop. De fato, essa cachoeira chamada de *makupa'iam* se configurava como o lugar mais ao norte que haviam alcançado e se estabelecido, fugindo dos avanços dos seringueiros que vinham do sul. É de se imaginar, portanto, que o território considerado sob sua influência, ou sua região, estava inserido numa espécie de polígono definido por três pontos principais de referência: *makupa'iam*, o rio dos Peixes e o Baixo Teles Pires. Era, portanto, no interior dessa região que as jornadas eram estabelecidas, linhas eram traçadas, histórias contadas, lugares nomeados e as emoções ecológicas podiam fluir junto com os significados que davam vida àquele ambiente. Foi em busca desses lugares e da situação que se encontram atualmente que Mairawê e seu grupo foram atrás.

O conceito de natureza como sagrada é desenvolvido por Milton, no sentido de algo espontaneamente conectado à vida para algumas pessoas, em oposição à visão moderna otimizadora, em que a terra é um objeto inerte e separado dos homens, possuindo valor somente para se vender ou explorar economicamente seus recursos (Milton, 2002, p. 96). Reconhecer a natureza como sagrada, significa admitir que certos seres humanos somente encontram sentido e padrão, unidade e coerência em suas vidas, relacionando-se de modo ativo e engajado, em função dos trajetos e jornadas realizados por gerações passadas, conduzidos pelo sentido de empatia contextual com seu ambiente. Tal processo não depende da razão, contudo é uma atividade mental, mas não racional a ideia de coletar informações do ambiente. É, nesse sentido, que Milton afirma que: “we anticipate what we perceive” (p. 100).

Entendo, portanto, que não é por outra razão senão seguindo vestígios dessas linhas que os Kaiabi estão em busca de vivenciarem a situação atual de sua terra sagrada, mesmo que isso venha a lhes trazer uma dose razoável

⁸ *Wayfinding* está relacionado às práticas intuitivas diárias de caminhada, elaboradas a partir de sendas percorridas por antepassados, em que encontramos os caminhos sentindo e ajustando nossos movimentos em função tanto das histórias, como pelos sinais que recebemos do ambiente. A navegação consistiria numa orientação a partir de algum tipo de elemento orientador externo aos aspectos mais sutis do ambiente (um mapa cartográfico, por exemplo), que nos proporciona as direções ligando pontos ao longo do caminho.

de sofrimento. Contudo percebo que, a partir desse sofrimento, é que vêm reunindo forças para se conectarem novamente ao sentimento de pertencimento a um ambiente comum e se aliarem a seus parentes no Teles Pires e no rio dos Peixes para lutarem pelos esparsos pedaços de terra que ainda restam conservados do território que reconhecem como verdadeiramente seu. Destaco ainda que outras duas expedições foram realizadas nos anos de 2005 (córrego Batelão) e 2008 (em busca do antigo posto Pedro Dantas), com propósitos muito semelhantes, quando os Kaiabi mais uma vez se decepcionaram ao perceberem que esses dois locais de importância sagrada estão praticamente tomados por fazendas e projetos de agropecuária⁹.

Ilha Grande

Foi na aldeia Ilha Grande que estabeleci, por assim dizer, minha base enquanto estive no Xingu. Pelas informações de meu acompanhante Machado, que se mudou do Xingu para o Kururuzinho há quatro anos, seu pai, o velho Tamanaú, alimenta até hoje uma forte ligação emocional com o Baixo Teles Pires. Junto com Machado, outros quatro Kaiabi, entre filhos e netos de Tamanaú se mudaram nos últimos anos para o Teles Pires, em busca de ali constituir família, mas também com o propósito de habitarem a chamada terra verdadeira dos Kaiabi. Enquanto fazia pesquisa no Kururuzinho, este foi um aspecto que chamou minha atenção, e me interessei em compreender se existia algum tipo de força incentivadora que partia do Xingu e impulsionava os Kaiabi a se interessarem por este ambiente, mesmo tendo nascido e crescido fora dele. Depois de insistir nesse assunto com os migrantes do Xingu, me pareceu evidente que a força evocativa das narrativas e comportamentos do velho Tamanaú é o grande motor que vem estimulando os Kaiabi da aldeia Ilha Grande a se voltarem para o Teles Pires. Foi então pela proximidade com seu filho Machado e pela oportunidade de ouvir suas narrativas, que resolvi me instalar na aldeia Ilha Grande, para procurar compreender as razões e significados implicados nesse movimento de histórias, emoções, materiais, pessoas, enfim.

Logo na primeira reunião que fizemos com a comunidade da aldeia, Siranho, o cacique e filho mais velho de Tamanaú, me interpelou com a seguinte frase: “Aqui no Xingu é bom de viver, tem peixe, tem caça, tem terra pra gente plantar, tem alguns materiais, mas o problema é que nossas histórias não são desse lugar”.

O que se pode inferir dessa afirmação, num primeiro momento, é que os Kaiabi da aldeia Ilha Grande sentem que as relações estabelecidas com o

⁹ Informações mais atualizadas dão conta de que outra expedição foi realizada em junho de 2011, mas até o momento não foram divulgadas as primeiras conclusões pelos organizadores.

ambiente do Xingu não estão completas, dado que se apresentam apenas no âmbito de sua reprodução material. É um exemplo que parece se encaixar muito bem na distinção que estamos utilizando entre ocupantes e habitantes. Por ocupante, nos referimos àqueles seres que tomam seu lugar no mundo a partir de um espaço previamente preparado para que as populações cheguem e ali se acomodem, como foi caso da transferência ao Xingu. Insatisfeitos com essa condição, os Kaiabi da aldeia Ilha Grande sentem a necessidade de viver num ambiente cujas histórias lhe façam sentido. Seguindo esse anseio de Siranho, podemos reconhecer que o poder das histórias de conectar um determinado espaço com o tempo dos antigos habitantes, fornece não apenas o sentido de pertencimento, mas as orientações e a dinâmica para se levar uma vida de significados. Segundo Ingold (2006, p. 25),

These are usually contexts of storytelling in which people describe the journeys they have made, or that have been made by characters of legend or myth, often with the purpose of providing directions so that others can follow along the same paths.

Se o ocupante está mais preocupado em se alojar num espaço determinado, o habitante não consegue se sentir à vontade se não for capaz de estabelecer relações ecológicas emocionais com seu ambiente, fundamentadas, sobretudo, nas histórias e narrativas a respeito dos lugares. Entendo que, por essa razão, é que Makupá e Siranho afirmam que alguns Kaiabi não se sentem à vontade como ocupantes do Xingu e também se sentem incapazes de habitá-lo e aprender com ele, pois suas histórias são de outro lugar.

Quero aproveitar o caso da aldeia Ilha Grande para apresentá-lo como um exemplo contrário aos modelos separatistas, que descrevem a relação entre pessoas e mundo de modo que não somos nós que pertencemos ao mundo, mas o mundo que nos pertence, ou que o mundo não nos circunda, mas ele está sob nossos pés. Destaco agora o poder das histórias contadas pelos mais velhos a respeito dos lugares por eles habitados, no sentimento de pertencimento, que parece funcionar como uma espécie de liga, capaz de conectar as pessoas diretamente ao ambiente em que vivem, afastando-se definitivamente do modelo dual que separa em lados opostos pessoas e natureza. O mais interessante no caso da aldeia Ilha Grande é que tal sentimento de pertencimento vem se estabelecendo ao longo dos anos, mesmo naqueles que jamais tiveram a oportunidade de pisar no Teles Pires.

Anteriormente mencionamos dois fatores fundamentais para conectar os Kaiabi ao Teles Pires: relações ecológicas e relações de parentesco. Procuramos demonstrar que os dois parecem operar em condições de igualdade na fixação das pessoas, bem como na elaboração de significados e de uma vida de regularidades num dado ambiente, seguindo o padrão característico de habitação dos Kaiabi. Também defendemos que, para alcançar relações estáveis entre os Kaiabi e seu ambiente, os dois elementos devem sempre

estar presentes. No Xingu, por exemplo, temos o parentesco, mas não temos as relações ecológicas fundadas na prática vivida pelos ancestrais, logo existe o sentimento de que algo está faltando. No caso da memória dos mais velhos, temos como recuperar essas relações, mas não existe mais a possibilidade de ocuparem o Médio Teles Pires, haja vista que todos foram removidos, e sua antiga terra já está praticamente convertida em fazendas. Destacamos como um terceiro elemento complementar que fornece a liga para essas relações, as histórias dos lugares e das jornadas, que se constituem em verdadeiras teias de relacionamento entre humanos e não humanos, conferindo o sentido de unidade a uma região. Pois bem, a conclusão a que podemos chegar é a de que, no caso da conexão que existe entre a aldeia Ilha Grande no Xingu e a aldeia Kururuzinho no Teles Pires, esses dois elementos e juntamente o complemento das narrativas se encontram presentes e vêm propiciando um fluxo cada vez maior de pessoas a se interessarem pelo Baixo Teles Pires. Não é por acaso que vêm crescendo os intercâmbios maritais entre as duas aldeias, com a fixação das novas famílias ocorrendo invariavelmente no Kururuzinho. Na aldeia Ilha Grande, inclusive, a ansiedade para que se confirme a demarcação da Terra Indígena Kaiabi é claramente visível, sendo que já existe um projeto, com lugar definido, para instalarem na totalidade essa aldeia no Teles Pires¹⁰.

Foi então que algumas respostas dadas às minhas perguntas por aqueles que haviam se mudado para o Kururuzinho começaram a fazer sentido. Seguindo um padrão das perguntas que dirigi aos Kaiabi mais velhos que vieram transferidos do Teles Pires, perguntei aos Kaiabi filhos e netos de Tamanaú, que vieram do Xingu ao Kururuzinho, as seguintes questões: (a) foi muito difícil sua adaptação no Teles Pires, estranhou muito quando chegou?; (b) Qual foi a sensação que teve quando chegou no Teles Pires pela primeira vez? Haja vista que os dois ambientes eram novidades para os recém chegados, era de se esperar que as respostas fossem semelhantes, com os Kaiabi alegando um estranhamento geral, ou dificuldades de adaptação a respeito de um lugar diferente daquele a que estavam acostumados por toda a sua vida, enfim. Mas, o que me impressionou é que as respostas dos recém chegados ao Teles Pires apontavam outro tipo de percepção. Myau, por exemplo, é neto de Tamanaú, se casou com a filha de Kuruné e morou no Xingu por três anos antes de se estabelecer definitivamente no Kururuzinho. Vejamos suas impressões:

Porque a primeira vez que eu vim pra cá, eu senti uma coisa muito forte, porque essa é uma região onde meu avô andava muito e sempre contava

¹⁰ Espero ter conseguido deixar claro até aqui, que estou analisando a relação particular que os habitantes da aldeia Ilha Grande estabelecem com o Teles Pires. Apesar de admitir que praticamente todos os Kaiabi do Xingu reconhecem o Teles Pires, e juntamente o Rio dos Peixes, como a “terra original dos Kaiabi”, não é possível, somente pela etnografia que realizei no Parque, tirar conclusões para todas as aldeias Kaiabi, num mesmo nível de abrangência que estamos realizando com a aldeia Ilha Grande.

história pra mim e eu fui conhecendo todos os lugares. Eu sei muitas histórias, porque ele andou por todo esse Teles Pires, e quem anda conta história. Eu até acostumei no Xingu, mas quando eu era pequeno eu não sabia das coisas, aí eu fui ficando um pouquinho velho e meu avô começava a me contar as coisas, as histórias desse lugar e falava que o Teles Pires é o lugar dos Kaiabi, não é o Xingu. Porque lá no xinguzão não tem quase nada que a gente usa. Hoje eu me sinto bem mais a vontade no Teles Pires, mesmo com a minha família morando no Xingu, porque a família também é muito importante pra gente. Mesmo pros meus filhos que nasceram no Xingu, eles já tão acostumado, não reclama de nada. Até esse tal de mosquito que o pessoal fala, não estranhei não.

E também de Awoé, neto de Tamanaú, professor da indígena, que se casou com sua prima cruzada e logo estabeleceu residência no Teles Pires:

Então essa região aqui é muito importante pra nós, porque, antes de eu vir pra cá, meu avô contava muita história dessa região. Então, antes de eu vir pra cá, eu imaginava muita coisa, eu pensava assim, eu podia ver, eu podia estar lá! Quando ele contava a história, eu ficava imaginando como se eu tivesse lá, né? Depois que eu comecei a vir pra cá, algumas histórias existe ainda, como a história do Morro do Jabuti ele contava muito. Que lá tem um buraco que tinha dono. Diz os mais velhos que quem mora lá é o espírito do pajé, que tem planta na porta, mamão, banana, que a gente não pode fazer barulho senão o dono grita e faz barulho igual trovão, pra assustar mesmo, se alguém pegasse essas plantas pra comer fazia mal e matava, às vezes cê passava lá e via banana, assim madura e quando cê volta a banana não está mais lá. Quando eu veio pra cá pela primeira vez, eu vi e lembrei das coisas que ele contava.

Então essas coisas era muito interessante pra mim, eu queria ver com meus próprios olhos. Outras coisas da região ele contava, das cachoeiras, que cada cachoeira tem nome, tem uma cachoeira ali pra baixo que chama Pacu, tem outra que chama Caititu (Taitetu na língua). Quando eu cheguei aqui, parecia que eu ficava sonhando acordado. O Jabuti é um lugar assim, muito famoso e muito sagrado pra nós, porque a gente tem muito respeito naquele lugar.

(Pergunto da sensação dele quando chegou e se teve dificuldades de se adaptar, depois de ter nascido no Xingu e lá ter morado mais de 20 anos) Que nem eu falei pra você, quando eu cheguei aqui parece que era um sonho, eu ficava dormindo e sonhando, e então eu cheguei aqui e nem acreditei, porque eu pensava que nunca eu ia vim pra cá. O lugar que meus avós viveram, que meu pai e minha mãe nasceram, muitas histórias, eu não imaginava que ia conhecer a mata com tudo natural, sem estar destruído, então eu cheguei e ficava imaginando que era por aí que os antigos andava, que meus avós andava quando era novo, onde eles caçava. Então quando eu cheguei aqui, tudo era muito interessante ver as coisas que meu avô contava e foi um lugar que eu gostei muito, porque no Xingu não tem cachoeira, não tem pedra, não tem essas

coisas, não tem morro, lá tem mais é praia, mato baixo, muito cerrado, muito lago. Aqui é muito mato alto, muita cachoeira, é lugares muito bonito aqui. Eu desde que eu veio pra cá eu gostei desse lugar. Quando eu chego num lugar diferente assim eu sempre estranho, eu não gosto e tenho vontade de ir embora logo, mas quando eu cheguei aqui não foi assim, pra mim eu tava chegando na minha aldeia mesmo, onde eu nasci, eu gostei, hoje eu tô morando aqui e tá legal. Porque lá no Xingu meu avô contava as histórias e ele falava: ficava lá, pra lá!! Aí a gente escutava, mas não sabia onde tinha aquela história, agora aqui o pessoal vai contando a história e já mostrando o lugar.

Histórias que fundam regiões

Evidentemente, essas palavras falam por si mesmas. Gostaria de concluir esse artigo apontando a importância do caráter evocativo das narrativas e como elas transportam seus ouvintes de forma imediata ao ambiente vivido por seus ancestrais. Quando Myau afirma que “quem anda conta história”, podemos inferir que, ao criar rotas, os caminhantes inscrevem as histórias de suas vidas no ambiente, que por sua vez devolve suas impressões àqueles que se movimentam. Dessa forma, a simples presença física de seus corpos permite a abertura para receber informações do ambiente, na disposição emocional que estamos chamando de *anticipations*. Logo, para aqueles que estão ouvindo a narrativa, a rota somente se torna real quando o caminhante contador de histórias é capaz de transmitir à sua plateia as emoções corporais significativas que teve em suas relações com o ambiente. Repetidas caminhadas produzem uma associação mais aderente da rota com o caminhante. A partir daí, emerge um distinto relacionamento com o lugar, que transforma o homogêneo em heterogêneo, na interação entre o caminhante e o ambiente significativo. Dentro da proposta de realizar uma etnografia próxima aos sentidos de vida conferidos pelas pessoas que estamos trabalhando, devemos reconhecer que contar uma história espacial significa mais do que apresentar aos ouvintes narrações meramente descritivas a acerca de um ambiente com o qual não estão conectados. Como afirma Ingold (2000, p. 190):

A person who can ‘tell’¹¹ is one who is perceptually attuned to picking up information in the environment that others, less skilled in the tasks of perception, might miss, and the teller, in rendering his knowledge explicit, conducts the attention of his audience along the same path as his own.

Os mapas mentais presentes nas histórias narradas por Tamanaú são

¹¹Ao utilizar ‘tell’ entre aspas, Ingold enfatiza o duplo significado desse termo que pode querer dizer tanto o ato de contar histórias, como a capacidade de reconhecer as diferenças.

também encontrados na memória de outros velhos com quem conversei. Contudo, nem todos foram capazes de expressar com a mesma propriedade essas emoções corporais fundadas em relações ecológicas, talvez por não apresentarem as mesmas habilidades perceptivas na sintonia com o ambiente do Teles Pires. Se por um lado é importante a habilidade do narrador em propiciar um salto imaginativo a seus ouvintes, também o receptor deve possuir certos requisitos para que a experiência seja mais intensa. O sentimento de Awoé quando comenta que parecia estar sonhando ao chegar pela primeira vez ao Teles Pires, sugere um exemplo bem sucedido da força emocional das relações ecológicas narradas se constituindo em realidade. Apesar de seus parentes também mencionarem um sentimento de afetividade e segurança ao presenciarem o Teles Pires, nenhum deles chegou a se sentir vivenciando tão intimamente as histórias contadas por Tamanaú. Desse modo, mesmo tendo feito referência apenas ao caso da aldeia Ilha Grande, existem ainda mais quatro Kaiabi no Kururuzinho que vieram de outras aldeias do Xingu (nove no total), também incentivados por uma força bastante similar àquela descrita para a aldeia Ilha Grande. Da mesma maneira, nenhum deles alegou ter enfrentado qualquer tipo de dificuldade em sua adaptação no Kururuzinho. Também conversei com os Kaiabi nascidos no Kururuzinho que já tiveram a oportunidade de ir ao Xingu sobre as impressões que tiveram, bem como se sentiam vontade de viver ali. Apesar de muitos responderem que gostam de visitar seus parentes, as conclusões gerais invariavelmente apontam o Xingu como um lugar triste, silencioso, frio em certas épocas do ano, sem cachoeiras, sem os materiais que os Kaiabi estão acostumados a usar e principalmente sem as histórias. Logo, não é um tido como um bom lugar para se morar. Em suma, para colocar em poucas palavras, o valor mencionado por Awoé de se contar as histórias apontando o lugar, parece se constituir como o elemento capaz de condensar todos os motivos acima mencionados para que o Teles Pires seja reconhecido como a terra sagrada dos Kaiabi.

Referências

BARBOSA DE OLIVEIRA, Frederico César. *Quando resistir é habitar: lutas pela afirmação territorial dos Kaiabi no Baixo Teles Pires*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/UnB, Brasília, 2010.

FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, [1954] 1970.

GIBSON, James J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

GRELE, Ronald J. Movement without aim. *Methodological and Theoretical Problems*

- in Oral History. In: PERKS, Robert; THOMSON, Alistair (Orgs.). *The oral history reader*. London: Routledge, 1998.
- GRUNBERG, George. *Os Kaiabi do Brasil Central*. Brasília: Instituto Socioambiental, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. Building, dwelling, living. *Poetry, language, thought*. (Transl.) A. Hofstadter. New York: Harper and Row, 1971.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.
- _____. 'Up, across and along', Place and Location. *Studies in Environmental Aesthetics and Semiotics*, n. 5, p. 21-36, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. *Tupi: Índios do Brasil Atual*. São Paulo: USP-FFLCH, 1986.
- MELIÁ, Pe. Bartolomé. Os Caiabis Não-Xinguanos. In: COELHO, Vera P. (Org.). *Karl Von den Steinen: um século de antropologia no Xingu*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993.
- MÉTRAUX, Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus Tupi-Guaranis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.
- MILTON, Kay. *Loving nature: towards an ecology of emotion*. New York and London: Routledge, 2002.
- MILTON, Kay; SVACEK, Maruska (Eds.). *Mixed emotions: anthropological studies of feeling*. Oxford and New York: Berg, 2005.
- NOELLI, Francisco Silva. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 7-53, 1996.
- OAKDALE, Suzanne. *I foresee my life: the ritual performance of autobiography in an Amazonian community*. Lincoln and London: University of Nebraska, 2005.
- SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guaraní*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
- VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 7, v. 2, p. 133-40, 2001.
- VILLAS-BÔAS, Cláudio; VILLAS-BOAS, Orlando. *Os Kayabi do Rio São Manoel*. São Paulo: Kuarup, 1989.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté, os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

Recebido em 14 de janeiro de 2011

Aprovado para publicação em 13 de abril de 2011

